O LÚDICO COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE ARTE

¹Jozane Maciel Petrauski

² Marília Diaz

RESUMO

Este artigo discute questões relevantes à educação nos dias de hoje: aspectos educacionais e artísticos, que trazem o lúdico como recurso metodológico para o ensino de arte na escola fundamental. Argumenta em favor de um resgate do brincar para aprender, tendo o jogo como instrumento transformador, delineando relações multifacetadas entre indivíduo, grupo, escola, jogo, educação, arte e sociedade contemporânea.

UNITERMOS: Arte, ensino de arte, brincadeira, jogo, limite.

RESUME

This article comments relevant issues about education nowadays: aspects of education and artistic aspects, which brings the playful as a methodological resource for art teaching in elementary schools. It argues in favor of playing to learn, taking the game as a transformer instrument, delineating multifaceted relations among individual, group, school, games, education, art and contemporary society.

KEYWORDS: Art, art teaching, playing, play, limit.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da implantação do projeto "O lúdico como recurso metodológico para o ensino de Arte", realizado no período de fevereiro a julho de 2008. O objetivo é relatar resultados da intervenção pedagógica no Colégio Estadual General Carneiro da Lapa, Estado do Paraná, subordinado à rede pública, por meio da Secretaria de Educação do Estado do Paraná e Núcleo Área Metropolitana Sul.

¹ Professora de Arte da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná; graduada em Educação Artística pela FAP, com especialização em Educação Fundamentada na Arte pela Universidade TUIUTI; discente do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) de 2008, da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

² Graduada em Educação Artística pela FAP e Pedagogia pela Universidade TUIUTI, pós-graduada em Metodologia da Arte no Ensino Superior e Psicodrama Pedagógico pelo Contexto, Mestre em Educação pela UFPR. Professora do Departamento de Artes da UFPR.

As turmas escolhidas para a efetivação do trabalho foram as quintas séries, séries finais do ensino fundamental, com número de quarenta alunos por sala. Enquanto em uma delas o projeto de implantação ocorreu integralmente, nas outras três aconteceu de forma parcial. O processo foi todo embasado na abordagem qualitativa e exploratória, por meio da pesquisa-ação, que detectou pontos relevantes que levam à indisciplina retardando o processo de aprendizagem.

Na pesquisa-ação a teoria alcança a prática e vice-versa, visto que ela busca unir a pesquisa à ação, desenvolvendo o conhecimento e a compreensão como parte da prática. Tem o propósito de auxiliar os professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa. Sendo a sala de aula objeto de pesquisa para o professor, ela constitui um instrumento eficiente para o seu desenvolvimento profissional. Na educação, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas que são percebidas pelo professor como situações-problema, que são suscetíveis de mudança, trazendo benefícios para o próprio processo, isto é, para a prática docente.

A pesquisa qualitativa deste trabalho parte da sala de aula como uma espécie de laboratório, onde se percebem as necessidades e a realidade dos educandos.

"A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. (...) A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo." (LUDKE/ANDRE, 1996, p.11).

Este artigo consiste na parte final que integra o Plano de Trabalho realizado no PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional).³ Há mais ou menos um ano antes de ingressar no Programa, ocorreu um momento de improviso em sala de aula no qual se realizou uma brincadeira. Devido à aceitação imediata de todas as crianças e o envolvimento e satisfação, constataram-se os resultados positivos e as possibilidades educativas. Na perspectiva de extrapolar o formato que vinha sendo utilizado até então de conduzir as aulas, adequou-se essa idéia ao programa.

³ PDE: "É uma política pública que estabelece o diálogo entre professores das Instituições de Ensino Superior e os da Educação Básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção do conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense" (PARANÁ, 2006).

Hoje a realidade enfrentada em sala de aula pelos professores e também pelos alunos é desafiadora. As mudanças no âmbito escolar, embora sejam muitas, não ocorreram de forma tão abrupta, mas gradativamente, gerando, sem que se perceba de imediato, as grandes transformações que afetam a aprendizagem. A falta de limites, a sexualidade precoce, a agressividade, o isolamento, o individualismo, o egoísmo e a carência afetiva, são alguns dos componentes que dificultam tanto o trabalho do professor como o próprio desempenho escolar; preocupações essas que se traduzem como um grande descompasso entre escola e sociedade. Em turmas com número elevado de alunos, sendo estes marcados pelo reflexo da falta de limites que impera nas famílias, fica cada vez mais difícil a tarefa de ensinar.

Toda essa inquietação descrita acima resultou na escolha do tema deste trabalho. Optou-se por uma busca com tentativas sucessivas, para que o ensino se tornasse prazeroso e dinâmico, com a utilização de jogos envolvendo conteúdos de arte. Passou-se, então, durante a intervenção em sala de aula, a ensinar conteúdos de artes visuais de forma lúdica. A brincadeira tornou-se uma coisa séria! Empregar o brinquedo, as brincadeiras e os jogos como estratégia para o ensino de Arte na perspectiva da apropriação de conteúdos de forma prazerosa e significativa constituiu-se no objetivo maior de todo esse trabalho.

Tratar-se-á aqui dos aspectos relevantes a partir do referencial teórico utilizado e apresentado por ocasião da elaboração do projeto, da construção do material didático, das pesquisas e experiências ocorridas antes e durante a intervenção realizada em sala de aula, entre outras referências que merecem destaque. Durante a implantação procurou-se resgatar experiências positivas e reflexivas para serem divulgadas, buscando melhoria na relação intrapessoal aluno-professor na aprendizagem, bem como criar oportunidade de trabalhos futuros de maior alcance científico. Sabe-se que é apenas um pequeno passo, que muitos outros terão que ser dados para que um dia, quem sabe, possa-se dizer que a educação encontrou novo rumo.

2 OS ATUAIS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

Na contemporaneidade faz-se necessário que o aluno compreenda que o professor está na sala de aula para ensinar conteúdos, podendo até auxiliar em

outros aspectos referentes à educação como forma de relacionar ou resolver problemas próprios do âmbito escolar, mas o foco é a passagem de conhecimentos organizados pelo planejamento da escola. O educando deveria trazer um embasamento de sua casa, para que fosse possível o professor acrescentar sobre ele toda a aprendizagem desejada e incumbida. Enquanto o professor tiver que trabalhar para reter o aluno em sala de aula, argumentando sobre a necessidade ou não disso, cobrando incessantemente uma postura que esse aluno não demonstra ter, torna-se praticamente impossível estabelecer algum limite. Essa situação exemplifica o dia a dia referindo-se ao microensino, pois, percebe-se claramente que a família está deixando de cumprir seu papel, incumbindo, de certa forma, responsabilidades extras à escola. Sabe-se que o professor não é um mero transmissor, mas está diante de um desafio: fazer com que crianças e adolescentes se disponham a aprender.

Em VASCONCELLOS (1997, p.231) pode ser encontrada uma explicação do porquê alguns alunos muitas vezes não querem permanecer em aula:

Na escola, esta crise se manifesta de muitas formas, mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta "estudar para quê", nos parece, nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. A famosa resposta dada por séculos, estudar para ser alguém na vida", chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito mal-remuneradas. Estamos vivendo a queda do mito da ascensão social através da escola!

É fato que há muitos alunos interessados em aprender, mas existem os que frequentam a escola por imposição dos pais ou da lei⁴, visto que são menores de idade e os pais respondem por eles e há ainda os que permanecem na escola para não perder o Programa Bolsa família (PBF) ⁵. Diante das notícias veiculadas pela mídia sobre o desemprego que atinge também os diplomados, retratando a realidade de que diploma não garante emprego dentro do contexto em que se vive hoje, fica mais difícil convencer este aluno a estudar quando existem tantas outras atividades que parecem mais atrativas para ele.

⁵ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 70 a R\$ 140) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 70), de acordo com a <u>Lei 10.836, de 09 de janeiro de 2004</u> e o <u>Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004.</u>

4

⁴ <u>LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990</u>, Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Com efeito, a pesquisadora Zagury (2009, p. 84) aponta como sendo os maiores problemas: a disciplina em sala de aula, seguida pela falta de motivação, não dissociando um do outro, porque não se pode garantir o que é a causa e o que é a consequência.

Alunos desmotivados e/ ou indisciplinados acabam resultando num só problema, que deve ter outras causas. Não podemos atribuir apenas ao professor a tarefa de superá-lo. Mas ainda quando eles próprios admitem que não estão dando conta da situação. E isto não pode ser ignorado. É um recado e um pedido de ajuda. Sem dúvida, com alunos desmotivados e indisciplinados, a qualidade do ensino não vai melhorar. (ZAGURY, 2009, p.85).

O aluno pode se tornar indisciplinado quando para de aprender ou quando se encontra desmotivado, e sabe-se que tanto a criança indisciplinada quanto a desmotivada se distanciam que se é proposto em aula. A autora faz uma reflexão sobre a situação vivida pelo professor, que admite suas falhas, mas não tem no momento um caminho delineado, encontra-se desorientado, porque não acompanhou tantas mudanças. Os problemas de indisciplina em sala de aula têm se agravado, e as razões para que isso ocorra são inúmeras. Quanto à indisciplina na escola, poderá ser minimizada pelo trabalho do professor, a partir da reflexão sobre a sua prática, e com a possível mudança na maneira de atuar, buscando melhoria do âmbito escolar e promovendo aprendizagem de qualidade.

Faz-se relevante salientar que, em qualquer situação, a motivação do educando vai esbarrar na motivação de seu educador. Mesmo em situações adversas, é necessário encontrar caminhos que possam sempre melhorar esse espaço de sala de aula, bem como a relação professor e aluno. Mas não se pode exigir o impossível, é preciso que cada parte assuma as responsabilidades de sua função, o governo, as instâncias administrativas, a escola, a direção, a equipe pedagógica, o docente e em primeira instância, a mais importante, a família. É a família que embasará todas as outras partes envolvidas. Não se pode mais garantir aprendizagem desempenhando papéis que não são da escola. Seria assumir mais compromissos do que se pode dar conta e, consequentemente, condenar a educação ao caos.

Fazem parte da análise da autora essas constatações entre outras, por exemplo, a avaliação dos alunos, que aparece como o terceiro problema. Se o aluno não está motivado não vai produzir nem receber conhecimento, e como então ser avaliado? Sempre foi tarefa do professor motivar e disciplinar, provocar, estimular o

interesse, conduzir bem a classe. Mas a pesquisa revela o que já se reflete no índice de notícias que surgem todos os dias na mídia, o professor não pode dar conta de todos os problemas que estão surgindo. Ele precisa de apoio! A escola precisa urgente do apoio da família, das instâncias administrativas e da sociedade para concretizar uma ação socializadora. Não se pode ser ingênuo, tem-se consciência de que é tarefa de todos, mas nem todos estão interessados em solucionar os problemas. O processo de mudança depende de que cada segmento passe a assumir suas responsabilidades, embora não se possa ficar esperando a outra parte. Essas responsabilidades são específicas, diferentes, e a partir do momento em que haja vontade de melhorar, já se está fazendo uma parte, que mais tarde poderá se somar a outras.

Zagury adverte que:

"É fácil e confortável criticar dizendo, a quantos queiram ouvir, que cabe ao professor encantar, fascinar, deslumbrar crianças e jovens; que é obrigação do docente moderno ser empreendedor e criativo; que deve variar os métodos e técnicas de forma pedagogicamente correta e avaliar qualitativamente." (ZAGURY, 2009, p.235).

A autora indaga: como o docente vai encantar alguém se nem ele mesmo parece estar encantado com a sua realidade diária? É relevante essa idéia para compreender melhor do que se está tratando. Pois, o próprio profissional da educação está desmotivado, a ponto de se considerar incapaz. Incapaz de motivar, de ensinar, de conquistar disciplina, de se relacionar com seus alunos de forma saudável e produtiva.

"Afinal, foram 43% do total em todos os níveis de ensino, localidades e regiões. Este alto índice desvela com clareza que, se até um passado recente tais atividades constituíam tarefas de que o docente "dava conta", hoje se tornou um entrave. Fugiu do controle." (ZAGURY, 2009, p.85).

Na sua pesquisa envolvendo professores, pais, pedagogos e diretores de escolas públicas e particulares do Brasil todo, Zagury constatou dificuldades por parte dos professores. Ela considera angustiante um profissional admitir que não consegue trabalhar, pois é o que se está sendo diagnosticado em sua linha de pesquisa. O professor não quer apenas atender alunos, quer ensinar. Não se deve

pensar enfocando as falhas como culpa, deve-se ter em mente responsabilidades que precisam constantemente ser revistas. A escola e a sala de aula não estão desvinculadas em sua problemática da comunidade e da sociedade, mas é preciso garantir uma autonomia pertinente, fazendo a sua parte.

A esse respeito VASCONCELLOS traz: "O que seria de uma orquestra, se cada músico tocasse o que quisesse? Se não houvesse disciplina? Ela é necessária. E deve ser analisada como um meio e não um fim" (1994, p.94). Não se pensa aqui naquela disciplina à moda antiga, mas na necessária para que um trabalho seja solidificado de forma que todas as partes sejam vitoriosas num processo das partes para o todo. Não é necessário disciplina apenas na escola, mas na vida, não apenas por parte dos filhos, mas por parte dos pais, não somente por parte dos alunos, mas também por parte dos professores.

A falta de limites aumenta a sensação de onipotência que acaba por gerar situações angustiantes de descaso e insatisfação, violência e busca incessante de prazer imediato. Existem pais que estão deixando de ensinar as suas crianças o que é trivial numa família para que haja harmonia e comunicação. Situações simples como esperar a vez de falar, não interrompendo a fala do outro, não falar alto, contribuem para que a criança possa se comunicar usando a fala levando em conta a interação.

De acordo com BZUNECK (2002), a motivação do aluno é um problema de ponta em educação, caracterizando-se como uma das tarefas constantes de quem ensina. O autor defende ainda que ela não possa ser ensinada ou treinada, como se fosse uma habilidade ou conhecimento, mas pode ser objeto de socialização. Refere-se ainda à crença equivocada que paira entre os profissionais da educação de que professores podem fazer pouco pela motivação, devido às condições contextuais adversas.

"(...) Mas, apesar dessas condições adversas, muitas das quais realmente escapam ao controle dos professores, eles precisam tomar consciência de que não estão totalmente de mãos amarradas. Resta-lhes amplo espaço de liberdade de ação no recinto das quatro paredes de sua classe." (BZUNECK, 2002, p. 2).

Discorda-se em parte desse entendimento, porque as paredes da sala de aula não isolam os problemas oriundos da família e da sociedade. Consciente das dificuldades apresentadas pelos profissionais da educação, por estas instâncias em relação aos jovens, questões estas que constantemente são retratadas pela mídia

ou em reuniões escolares pelos envolvidos. Muita coisa mudou não se pode negar, vive-se assolado num emaranhado de mudanças incessantes, mas é preciso atenção para que a palavra mudança não passe a ter um significado de retrocesso, no sentido de que não se consiga mais pontuar o que é certo ou errado. Violência, descaso, *bullying*⁶, agressividade e falta de limites fazem com que o contexto escolar, que deveria ser democrático, seja transformado de forma negativa, visto que dificilmente poderá se encontrar o caminho para reversão de tal situação. A superação deste conflito depende não apenas do professor, mas do aluno e da escola em sua totalidade numa relação estreita com a família.

No âmbito escolar, profissionais da educação que demonstram no dia a dia atitude ética para com seus pares, para com os pais dos alunos e aos alunos, acabam por demonstrar, na prática, a relevância do respeito. O exemplo é sempre importante, pois as crianças não possuem discernimento e maturidade para atitudes seletivas. Faz-se necessário guiá-las com disciplina, tolerância e amor. Educar é também doação, disposição e responsabilidade. Para trabalhar com educação é preciso estar disposto a refazer, reconstruir, repensar, crescer e envolver-se sempre.

As relações que se elaboram entre o educador, o objeto de aprendizagem e o educando são as ações mais valiosas no ato educativo e no desempenho escolar, como instituição que se propõe a contribuir para que haja emancipação humana. Ambos, professores e alunos, são produtos de uma realidade histórica e cultural, sofrendo os possíveis efeitos dessa realidade. Portanto, combater o individualismo, a competitividade violenta que se instaura até em situações sem necessidade, o egocentrismo, o desafeto ou outros sentimentos destrutivos que assolam a sociedade contemporânea, deve ser uma busca dos educadores para que seja possível a formação de indivíduos mais conscientes de sua condição de cidadão.

Há cada vez mais pais que não impõem limites aos filhos, por comodismo e abrem mãos de regras e limites, nunca negando nada a eles. Para que o filho fique quieto, tudo acaba sendo permitido, assim ele passa a não incomodar. As crianças acabam por desenvolver uma incapacidade de resistir à frustração, querem seus desejos realizados instantaneamente. Além de ser prejudicial para sua formação, encontram no âmbito escolar inúmeros colegas que também querem sempre ter

.

⁶ Apelidos depreciativos que podem assustar, amedrontar, ridicularizar, humilhar. Refere-se a atitudes ameaçadoras que se processam por meio de agressões físicas ou verbais e que podem impedir o desenvolvimento físico e emocional saudável.

razão, sempre ganhar, sempre fazer apenas o que têm vontade. Sem disciplina alguma esbarram nas vontades uns dos outros, e estão instaurados os atritos, por divergências de opinião ou porque não suportam ser contrariados. A escola torna-se um ambiente onde todos querem extravasar e as diferenças surgem constantemente, gerando assim um lugar conturbado. Pais deveriam estar conscientes de que dizer "não" é um ato natural, que pode promover maturidade, respeito, saúde mental e emocional.

O professor é um mediador da aprendizagem, um incentivador, e, num ambiente de cooperação com outras interações positivas, a ação individual deste será mais eficaz. As novas maneiras de relação social e os novos hábitos culturais passam a exigir mudanças na forma de ensinar as crianças e os jovens, pois eles estão crescendo inseridos num mundo de realidade virtual e educados num mundo indiferente às transformações culturais.

Segundo PINHEIRO:

"A atitude mediadora exige de nós o estar disponível e atento ao outro, seja como observador ou como ouvinte, percebendo conceitos e pré-conceitos, as preferências e o que causa estranhamento. Ludicamente podemos chegar até nossos alunos por vias mais ousadas, menos "escolares", mais repletas de vida que a arte reflete." (apud, MARTINS,2005,p.121).

Faz-se necessário garimpar, facilitar, lapidar, criar um canal para atingir a meta a que se propõe, que é a de ensinar para uma clientela diversificada, consciente de que é preciso encontrar caminhos que também apresentem diversidade. Para ensinar Artes Visuais é preciso trabalhar seriamente, adequandose ao contexto, percebendo as diferentes realidades e situações presentes no seu cotidiano de professor. Estudar, ler, descobrir métodos, saber sempre mais sobre a vida e obra dos artistas, decodificar signos, identificar movimentos e períodos, interagir, conhecer o seu aluno e entender como ele aprende, são tarefas do educador.

Existe a consciência da escola sobre a necessidade de se manter a aprendizagem focada nos conteúdos tradicionais; conteúdos estes que já não despertam a curiosidade do aluno, no contexto atual. Nas reuniões de início de ano letivo constantemente este tema vem sendo abordado. A escola apresenta muitas facetas, e a intenção é sempre a de melhorar, mas entre a palavra e a ação há sempre uma lacuna. Essa visão refere-se ao microensino. Muitas vezes o docente para de ensinar conteúdos para ensinar valores diante de uma situação que exige

essa postura ou mesmo os temas transversais solicitados pela própria escola. Os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais são um norte para o professor atuar em sala de aula com situações que emergem no dia a dia da escola como, por exemplo, a sexualidade, a cultura, a religião. Equivocadamente muitas escolas têm tratado estes assuntos como conteúdo ou até disciplina.

Zagury afirma que:

"A família abriu mão de seu papel essencial de geradora da ética e de primeira agência socializadora das novas gerações." (ZAGURY, 2009, p. 89).

Em sua pesquisa, o número de respostas dos entrevistados que conduzem a essa conclusão é de 74%. Professores, pedagogos e diretores do país inteiro responderam a questionários realizados pela pesquisadora, mostrando que falta limites, existe muita agressividade, rebeldia, falta de educação familiar, liberdade familiar, falta de compromisso e apoio da família. A falta de limites minou a autoridade (não se referindo aqui ao autoritarismo, mas ao papel do educador e do educando) do professor enquanto, paradoxalmente, se transferiram para a escola atribuições tradicionais da família.

De uma educação rígida e engessada, em que as crianças não podiam contestar nem opinar, chegou-se ao extremo de liberdade e prazer pessoal, os pais perderam-se no meio do caminho. Agora, as consequências explodem na sala de aula e na sociedade. Como diz a autora: "Ninguém pode viver fazendo só o que quer e que gosta. Há o outro. Ele existe – e também têm direitos a serem considerados. Esquecer é voltar à barbárie e ao primitivismo." (ZAGURY, 2009, p.89).

Toda a sua pesquisa ilustra bem a realidade que se vive, descrevendo as principais dificuldades que o professor se depara em seu trabalho, a principal dificuldade é manter a harmonia e a vontade de aprender em sala de aula, sem que isso se perca por falta de limites que derrubam as tentativas de sucesso na relação ensino aprendizagem, que se constitui como função maior do professor para com o aluno.

2.1 DIAGNÓSTICO DAS TURMAS ENVOLVIDAS NA INTERVENÇÃO

A realidade das quintas séries da Escola Estadual General Carneiro é um desafio para o professor e para a escola como um todo. Basta observar o que ocorre

quando é dado o sinal para cada aula, alunos deslocam-se e saem correndo pelos corredores, se agridem e empurram, muitas vezes atingindo até os professores. É preciso registrar aqui que são poucos os alunos que permanecem na sala aguardando a aula. Existem também casos difíceis que requerem uma atenção especial, acompanhamento da equipe pedagógica e, em muitos casos, reuniões com a patrulha escolar juntamente com o conselho tutelar. Isso tudo compõe o quadro difícil com que os profissionais da educação já se deparam há algum tempo, e que vem se agravando. Existem pais que chegam a pedir ajuda à escola, por não saber mais o que fazer com o próprio filho. Refere-se aqui ao microensino, que por sua vez confirma os índices da pesquisa da autora Zagury citados anteriormente, demonstrando que se trata da realidade escolar, e que há muito a ser feito. A problemática de reprovação e de falta de limites, concentrados principalmente nas quintas séries, aponta para um recorte promissor no campo de investigação educacional.

A orientadora do Programa PDE Marília Diaz, em face dos anseios de sua orientanda, sempre dizia que não seria possível mudar a realidade da maneira pretendida e isso gerava um desconforto. Reflexões e indagações do porquê realizar e aplicar um projeto que não mudaria a realidade perpetuavam-se durante a organização da pesquisa. Mais tarde veio o entendimento, desejou-se apenas evitar decepções, as quais surgiriam no decorrer da aplicação do projeto. A aceitação pelas crianças foi muito boa, significativa mesmo, mas, não é possível modificar conceitos que estão enraizados no comportamento humano. É um processo lento, difícil e deve-se levar em conta que os alunos têm apenas duas aulas semanais de arte, o contato professor aluno é pequeno. Deve-se considerar que cada docente trabalha de forma diferente, o educando vem de uma escola onde havia um único professor, agora ele tem vários professores, portanto está se adaptando.

Percebeu-se que durante a intervenção, elas passaram a se mostrar mais interessadas, e gradativamente esse interesse foi aumentando, mas existiu uma parcela que se mostrou inatingível. Isso se deu pelo fato de fazerem parte do contexto escolar, alunos com dificuldades de relacionamento e até problemas psicológicos e (ou) psiquiátricos, que não apresentam mudança de comportamento, ou, quando apresentam, oscilam muito. Uma sala de aula é formada por uma diversidade muito grande, principalmente nas quintas séries, visto que as crianças vêm de escolas e localidades diferentes e também por existir muita repetência nessa

fase, pois há alunos que já cursando a quinta série pela terceira vez. Essa "fatia" a quem se refere não pode ser mudada simplesmente, e graças à orientadora, esse impasse não se caracterizou como uma frustração na execução de todo o trabalho, uma vez que se trabalhou conscientemente, embora só mais tarde tenha havido a compreensão desse fato.

2.2 SER PROFESSOR HOJE

Ao longo dos anos, as mudanças de paradigmas veem mostrando-se mais frequentes e velozes na vida contemporânea. Hoje, o ser humano é assolado pelos aparatos tecnológicos, pela explosão da virtualidade e hipervisibilidade, pelo progresso, pelo consumismo desenfreado, pelas preocupações com questões da ecologia e do aquecimento global. A informação está cada vez mais rápida e alterou-se a relação com o tempo. Os reflexos desta realidade surgem constantemente na sala de aula das formas mais variadas.

O professor não pode continuar ministrando aulas da mesma maneira, é preciso se reinventar o tempo todo, para não ficar defasado perante seus alunos. Essas mudanças forçam uma postura sempre nova diante de realidades mutáveis. Isso caracteriza, transformação, adaptação, flexibilidade, ação, improvisação, estudo, gerando aprofundamento teórico e determinação. No texto como um todo, é dada ênfase na responsabilidade familiar pelos problemas vivenciados dentro da escola, mas não se pode eximir a responsabilidade dos educadores e dos governantes. Todos os envolvidos estão de forma intrínseca interligados no processo de educar.

Hernández (2006) mescla várias teorias para difundir os benefícios de se trabalhar com projetos didáticos. Considera que o melhor jeito de se organizar o currículo escolar é por projetos, de forma que o professor passa a ser pesquisador, trabalha coletivamente e se fundamenta em pesquisa. Tudo que se ensina por meio de um projeto começa com um problema inicial, embora o trabalho deva estar alicerçado nos conteúdos predefinidos, transforma o educando em sujeito do processo ensino aprendizagem.

Cabe destacar que as tendências pedagógicas não se esgotam no tempo histórico e que, hoje, vive-se a sobreposição de entendimentos e posturas. É preciso gerar alternativas, rever paradigmas para os tempos vividos. Em termos das

tendências pedagógicas, é notório os distintos entendimentos da Tradicional, Escola Nova, Tecnicista e Histórico-crítica, mas ao se realizar uma análise do cotidiano escolar, olhando com atenção, constatar-se-á que há uma mescla de todas as tendências na Escola Contemporânea.

O que é relativamente difícil de entender é que cada uma destas tendências tem sua parcela de razão, tem um núcleo de bom senso, só que, por não abarcar a totalidade do fenômeno educativo, acaba distorcendo-o. (...) Uma das maiores dificuldades que temos observado na busca de superação destas concepções de disciplina é a forma de pensar linear, dicotômica, de cunho metafísico, em contraposição a uma forma de pensar ligada ao movimento, à contradição, à totalidade, de cunho dialético.(VASCONCELLOS, 1994, p.246).

Que tipo de disciplina se deseja? É muito arriscado desejar uma disciplina passiva "como de antigamente", ou o oposto, podendo-se abrir mão de qualquer preocupação tentando se acostumar ao que se tem, numa postura liberal. Ora usase uma, ora usa-se outra? Usa-se uma em detrimento de outra? Não pode ser dessa forma. Revezar? É preciso perceber a dialética das duas, utilizando-se disso nas situações do dia a dia com o aluno.

Hernández (2006) discute essa questão dizendo que se saiu de uma perspectiva segura para uma nova perspectiva de instabilidade e insegurança, que remete à contemporaneidade. Isso é positivo, pois faz com o que as matrizes pedagógicas sejam revistas.

Vasconcellos (1996) também remete a essa idéia enfocando, ainda, que a metafísica trabalha com exclusão, enquanto a dialética trabalha com a superação. Pois, a metafísica é dicotômica, separando as coisas, ao passo que a dialética percebe os opostos se exigindo reciprocamente. Ao mesmo tempo em que a educação necessita de direção, de orientação, precisa de liberdade e de espontaneidade.

Muitas vezes questionam-se os métodos de trabalho, a forma de conduzir as aulas almejando alternativas, mas isso requer atenção. O papel do professor nunca foi tão amplamente discutido como hoje, ele que parece ter que se adaptar tão rápido, que passou tanto tempo estudando nos moldes tradicionais, se debate diante de tantas mudanças. Tornou-se comum o afastamento de profissionais da educação por problemas de saúde, e isso pode ser um reflexo desta situação, pois nunca pareceu tão difícil educar.

Pode-se mudar o método e as técnicas de ensino por outras mais modernas, sem que isso melhore a qualidade do ensino, porque não é o método que faz um bom professor: é o professor que faz qualquer método tornar-se efetivo. O que não anula nem desmente a necessidade (apenas reforça) de jogarmos todas as nossas "cartas" na recuperação da qualidade docente. (ZAGURY, 2009, p.203).

O resgate do professor como sujeito de transformação urge, dentro do contexto vivido hoje, faz-se relevante acreditar em seu poder para desempenhar seu papel que é fundamental, embora seja limitado. Assim, poderá acreditar também na mudança do outro e da realidade que o cerca.

3 EDUCAÇÃO E ARTE

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Arte do Estado Paraná, o ensino da Arte, fundamentado no conhecimento estético, amplia os repertórios e as experiências do aluno aproximando-o das diversas representações artísticas do universo cultural historicamente constituído pela humanidade:

(...) ensino de Arte deve basear-se num processo de reflexão sobre a finalidade da Educação, os objetivos específicos dessa disciplina e a coerência entre tais objetivos, os conteúdos programados (os aspectos teóricos) e a metodologia proposta. Pretende-se que os alunos adquiram conhecimentos sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver o pensamento crítico. (PARANÁ, 2008, p.20)

A Arte é fonte de humanização, pois possibilita ao homem tornar-se consciente de sua existência individual e social, questionando, interpretando o mundo e a si mesmo. Dessa forma, evidencia-se a relevância de sua utilização no âmbito educacional, bem como sua extensão na sociedade, garantindo, assim, pessoas comprometidas com a humanização, no sentido de reconhecer e respeitar as diferenças, assumindo sua individualidade e particularidade. Sabe-se que a educação é a base que fornece estruturação, em conjunto com a família, para uma sociedade plena.

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Arte do Paraná (PARANÁ, 2008, p.29):

À Educação – em especial aos professores de Arte – cabe ter como foco o esclarecimento de que o segmento da *indústria cultural* – como parte integrante das grandes corporações capitalistas e do comércio em geral – visa tão somente à fragilização da autonomia de decisão dos indivíduos, a manipulação do desejo pela criação de necessidades artificiais, com vista à

estimulação do consumo. É preciso elucidar que tudo isso é gerado e impulsionado pela premência do aumento constante da produção e venda, no processo de alimentação do sistema produtivo capitalista, que só consegue sobreviver e crescer pelo consumo exacerbado e pela criação e ampliação de mercados. Assim fragilizados é que todos perdem a autonomia como seres humanos, como cidadãos pensantes.

Para haver construção de conhecimentos em Arte, o professor deve problematizar as situações, desafiando o aluno a solucioná-las, a fim de desenvolver suas estruturas mentais e afetivas. O educando deve aprender a significação do silêncio, do vazio, do espaço, usando a sua sensibilidade para conseguir ver mediante posturas e atuações, compreendendo melhor sua própria existência e relação com as coisas que o cercam, sejam objetos, pessoas ou situações.

Para se trabalhar com a Arte é necessário proporcionar um diálogo entre o expectador e a obra, ou seja, fazer com que o aluno possa entender, analisar, observar, perceber, distinguir, criticar e apreender o sentido da expressão relatada pelo artista.

Exige-se na perspectiva de polivalência que o professor domine Artes Visuais, Música, Teatro e Dança, sendo que sua formação não corresponde a isso, sendo direcionada para uma das áreas. Isso faz com que a presença das aulas de Arte na escola se mostre fragilizada, pois, não sendo especialista em áreas distintas, como este profissional pode ensinar outra área do conhecimento? A própria idéia de polivalência é questionada e desestruturada pela estruturação dos cursos, com professores especialistas.

4 O LÚDICO E AS POSSIBILIDADES NA DISCIPLINA DE ARTE

No decorrer de todo o trabalho de pesquisa buscou-se estabelecer conceitos e considerações sobre a importância do brinquedo, do brincar e dos jogos no desenvolvimento da criança. O lúdico apresenta uma grande versatilidade que possibilita inovar sempre, fazendo com que o educador seja realmente um facilitador da aprendizagem e garantindo a participação ativa dos educandos.

De acordo com ALVES:

Há brinquedos que são desafios ao corpo, à sua força, habilidade, paciência... E há brinquedos que são desafios à inteligência. A inteligência gosta de brincar. Brincando ela salta e fica mais inteligente ainda. Brinquedo é tônico para a inteligência. Mas se ela tem de fazer coisas que não são desafios, ela fica preguiçosa e emburrecida. Todo conhecimento científico começa com um desafio: um enigma a ser decifrado! (ALVES. 2004, p.39).

Sempre que um desafio se apresenta, a criança é estimulada a reagir. Basta observar como ela gosta de ser o destaque na sala de aula, de se mostrar quando sabe algo e de se colocar antes dos colegas. Ela precisa ser provocada. Usar jogos para ensinar arte pode ser considerado como uma estratégia metodológica, para conseguir que esse aluno olhe para o professor, ouça o que ele diz, se concentre, para que a aprendizagem se concretize. O discurso do professor deve ser mais atrativo do que tudo que se encontra a volta do aluno, pelo menos naquele momento.

SANTOS observa que as instituições já sabem que o brinquedo é a essência da criança, e reflete que os alunos maiores também podem tirar proveito dessa ferramenta. Defende ainda o quanto isso vem sendo discutido e que a "educação pela via da ludicidade propõe-se a uma nova postura existencial cujo paradigma é um novo sistema de aprender brincando". (2006, p. 23-24)

Quando se deseja alfabetizar esteticamente, que se comece respeitando as fases do desenvolvimento psicológico das crianças. Quando uma criança é cerceada nos seus direitos à livre expressão, a personalidade desenvolve-se debilitada, o comportamento é inseguro e inconstante. Perde-se o poder de decisão, o poder de crítica, de questionamentos, e ela poderá, mais tarde, tornar-se um adulto que não sabe questionar, repetitivo e sem ideais concretos.

Para que a função educativa do jogo fosse garantida, efetuou-se o projeto dentro do planejamento escolar. Buscou-se não fugir dessa perspectiva, almejando a construção de novos conhecimentos. Priorizou-se o conteúdo, discernindo o momento adequado de brincar e jogar para aprender, com clareza para que o objetivo proposto não fosse ineficaz ou insignificante para o educando. Dessa forma, foi possível diagnosticar se a atividade preestabelecida estava sendo proveitosa no desenvolvimento do aluno, de modo que sua aprendizagem ocorresse.

A importância dos jogos em grupo deve ser valorizada, pois seu uso em aula pode desenvolver a habilidade de coordenar pontos de vista, considerando, também, que as atividades em grupo são mais frutíferas, sendo que por meio deles as crianças se mostram mais ativas, atentas às suas jogadas e às dos colegas.

O jogo é, por excelência, integrador, sempre trazendo um caráter de novidade, o que o torna importante para motivar a criança, para que ela se conheça melhor, construindo interiormente o seu mundo. Esta atividade é uma das formas que mais propicia a construção do conhecimento. HOLZMANN descreve como os

jogos podem ser importantes para iniciar uma relação, pois se apresentam como possibilidade de desenvolver a comunicação e a criatividade, integrando e equilibrando o sentir, o pensar e o agir. Ademais, os jogos oferecem a vivência de um início de processo de autonomia e integração criativa ao meio, e oportunizam uma comunicação simbólica e autêntica entre as pessoas.

Jogos podem trazer reflexão, ordem, desordem, construção e desconstrução de ideais, de mundo, de idéias, de experiências ou das mais variadas relações. Possibilitam uma abertura para o novo, tornando possível que as pessoas se expressem de forma diferenciada.

(...) Acontece neste momento uma comunicação profunda, sem medos, nem ameaças, onde cada um se expressa livremente no lúdico. O jogo é ficção e ao mesmo tempo realidade. (HOLZMANN, 1998, p.19).

Quando se inserem conteúdos por meio do lúdico, quer por meio do jogo, quer por uma brincadeira, estabelecem-se vínculos com os estudantes porque se têm a nítida impressão, embora seja apenas impressão, de que se está apenas brincando, e isso tira um pouco da resistência muitas vezes demonstrada por eles. Atividades educativas que se utilizam do lúdico também resolvem por muitas vezes problemas de convivência e socialização, minimizando questões de relacionamento tão comuns nessa fase das crianças que explodem no contexto escolar.

Segundo FERRAZ e FUSARI (1993), considera-se importante a inclusão do brinquedo e da brincadeira como parte integrante dos métodos e procedimentos, incorporadas às aulas de Arte, pois as experiências com brincadeiras, quando estruturadas adequadamente, podem motivar processos construtivos e expressivos dentro dos conteúdos da disciplina.

O jogo pode ser utilizado para introduzir conteúdos, verificar aprendizagem, fixar conceitos já estudados e ainda resgatar conteúdos anteriores. Essa prática favorece uma melhoria na relação interpessoal, havendo ainda um reforço nos valores de respeito, reciprocidade e confiança. Quando se propõe trabalhar conteúdos de Arte por meio de jogos, é preciso dominar a função e o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras no mundo infantil, interligando-os à sala de aula.

Os benefícios que a utilização de jogos e brincadeiras pode acrescentar à educação foram abordados e defendidos por diferentes educadores em diferentes

épocas. Autores como Piaget, Vigotsky, Kamii, Kischimoto, Mélaine Klein, Meira, Moyles, Ferraz e Fuzari, Benjamin, Santos, entre outros, abordam o assunto sob vários aspectos, contribuindo para o aprofundamento de questões de suma importância até a atualidade.

5 DESCRIÇÃO DA PRÁTICA DE INTERVENÇÃO

A intervenção na Escola com as quintas séries ocorreu concomitantemente ao encaminhamento metodológico da disciplina, em horário normal das aulas tendo como diferencial a ênfase na estratégia lúdica no ensino da Arte. Como referência teórico-metodológica embasou-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais, na Proposta Pedagógica Curricular do Ensino Fundamental, elaborada pela Secretaria de Estado da Educação, e no Projeto Político Pedagógico da Escola.

Os conteúdos trabalhados fazem parte do planejamento dentro do esperado e programado pela escola, dentro do Projeto Político Pedagógico e das Diretrizes Curriculares de Arte do Paraná/DCEs. Os conteúdos foram abordados com estratégias lúdicas como, por exemplo, caça-palavras, palavras cruzadas, jogo como quebra-cabeças, jogos de tabuleiro, jogo de memória. Alguns foram não apenas aplicados em sala de aula, mas também confeccionados pelos alunos.

Iniciou-se com a conceituação do que é Arte, buscou-se aprofundar idéias e concomitantemente perceber como os alunos entendem a área. Não existe uma única definição para Arte, mas muitas, e, então, recorreu-se a uma provocação para que o aluno passasse a ficar atento às diversas situações envolvendo a Arte no seu cotidiano. Foram mostradas imagens, citados artistas, sempre enfocando as Artes Visuais.

Ao pensar na palavra arte, por exemplo, o aluno precisa compreender o significado que esta palavra expressa. Para aprender o significado, precisa saber relacionar outras informações mais simples. Quando for capaz de dizer o que é arte usando o seu repertório simbólico é sinal de que foi capaz de perceber um conjunto de aspectos de sua estrutura que, reunidos e interligados, deram a idéia do que constituí uma obra de arte. Neste caso, o aluno ficou de posse de um conjunto significativo de informações interrelacionadas que ajudam a entender quando alguém fala sobre arte ou quando se expressa através dela. (SANTOS, 2006, p.21).

O aluno precisa aprender o assunto apresentado, não se trata de apenas saber de forma superficial, mas ter o domínio do conteúdo que foi abordado. Quando tomar posse, se reportará ao assunto sabendo se posicionar, compreendendo os porquês ou podendo questionar, ora criticando, ora negando as possíveis ligações entre a prática e a teoria.

A partir da ação pedagógica, buscou-se um trabalho fundamentado em textos e imagens que pudessem transportar o aluno para dentro de cada obra de Arte trabalhada, permitindo a sua compreensão da imagem como tradução de significados e não mera ilustração vazia de sentidos. Os estudos em grupo permitiram que os alunos percebessem o quanto o homem pode ser afetado diretamente ou indiretamente pelas imagens, que trazem mensagens explícitas ou não, pois elas podem estar nos meandros das imagens. Também puderam constatar o quanto cada época histórica permeia a produção dos homens. O artista fala de sua época, às vezes bem e às vezes mal, relata e retrata situações internas ou externas.

Os objetos não humanos representados artisticamente não são pura e simplesmente objetos representados, mas aparecem em certa relação com o homem, isto é, humanizados. O objeto representado é portador de uma significação social de um mundo humano. Portanto, ao refletir sobre a realidade objetiva, o artista faz-nos penetrar na realidade humana. (VAZQUEZ, 1978, p.35).

Por meio das apreciações de reprodução de obras artísticas presente na história da Arte foram sendo desvelados aos educandos modos diferentes de significar o mundo, num convite aberto por caminhos, épocas, estilos e escolas, surgindo interpretações variadas e pessoais, dependendo da percepção de cada aluno. Isso pôde proporcionar subsídios para o processo de criação, dependendo da combinação e ordenação de imagens, idéias, fatos e sentimentos que permitiram a reflexão da realidade compreendida, imaginada e (ou) idealizada pelos alunos. Mostrou-se de suma importância proporcionar oportunidades de acesso aos diferentes modos de se fazer Arte para que, alargando o seu universo cultural, os educandos ampliassem seu repertório pessoal e consequentemente seu potencial criador.

Ao se trabalhar dessa forma, proporcionou-se aos alunos a possibilidade de compreender a produção de alguns artistas; eles também puderam a partir daí, selecionar, reordenar e criar signos como linguagem aos pensamentos, idéias, ideais e emoções, nos quais a Arte não necessariamente reflete a realidade, mas é

constatada, imaginada ou idealizada. Procurou-se sempre, no decorrer da intervenção, fazer com que as crianças lançassem um olhar mais reflexivo sobre as imagens, que fazem parte de seu mundo e de seu cotidiano, no caso de obras que retratam brincadeiras que ainda são comuns ao universo infantil.

Conteúdos como cor, luz e sombra, forma/ bidimensional, tridimensional, figurativa, abstrata, simétrica, assimétrica/, perspectiva, desenho, pintura, textura, harmonia, percepção, estereótipo, espaço, equilíbrio foram abordados e incorporados pelos alunos de maneira mais atrativa, por meio dos jogos.

Utilizou-se do recurso caça-palavras, referenciando linguagens e materiais artísticos, para gerar curiosidade em relação à disciplina Arte, que na quinta série passa a ser trabalhada de forma diferenciada da qual o educando estava habituado até a quarta série. Ligando uma palavra à outra, os próprios alunos passaram a se dar conta do quanto a Arte está presente em suas vidas. Um dos objetivos era desmitificar a visão de que aula de Arte é apenas desenho e também dominar alguns termos que fazem parte da linguagem visual.

Por meio dos jogos de quebra-cabeças foram abordadas obras de Portinari, num contexto relevante para que se compreendesse a importância da leitura da obra. Observaram-se cores, linhas, formas, harmonia, composição. Outras obras do mesmo artista foram observadas por meio da TV Multimídia. Mais tarde, em outra aula, utilizou-se o site HTTP://www.portinari.org.br/, o que complementou esses estudos, inclusive por meio de brincadeiras no computador. O envolvimento nas atividades por parte dos alunos ocorreu de forma tranquila e proveitosa, ativando ainda mais o interesse pelo artista estudado.

Acredita-se que é nesse sentido que ALVES defende o uso do jogo com finalidade educacional, pois, de acordo com ele, "a educação por meio de atividades lúdicas vem estimulando as relações cognitivas, afetivas, sociais, além de propiciar também atitudes de crítica e criação nos alunos que se envolvem nesse processo" (Alves, 2001, p.22).

Constatada uma grande dificuldade de interpretação de imagens, decidiu-se utilizar algumas charges do artista e médico Dr. Ronaldo Cunha Dias. O material foi facilmente transformado em material didático. Os cartuns mostram situações do cotidiano, constituindo-se como lúdico pelo teor humorístico que apresenta, de trabalhar a percepção. O aluno precisava aprender a ver, ver com atenção, com um olhar ativo, para possibilitar a compreensão de determinadas situações. Também

pôde aproveitar e ver como o desenho foi realizado usando todo o espaço, visto que esta foi outra dificuldade apresentada pelo educando. No início percebeu-se certa demora na questão da compreensão das mensagens visuais, até mesmo nas que estavam mais explícitas. Mas, ao tomar gosto pela atividade, essa reação foi logo superada. Mais tarde os estudantes elaboraram seus próprios desenhos na perspectiva do humor. Os resultados foram variados, trabalhou-se com deformação, apreciação e percepção, verificando-se imediatamente que obtiveram progresso.

Reproduções de obras foram mostradas pela TV Multimídia e por cartazes, abordando temas relacionados às brincadeiras pintados por artistas como Bruegel, Dacosta, Portinari, Botero, Garcia, entre outros. Ao mesmo tempo em que se conversou sobre brincadeiras da infância realizou-se leitura das obras, verificando a utilização das técnicas, do espaço, das formas, das linhas, das cores, da perspectiva ou ausência dela, das semelhanças, dos contrastes e a interpretação das imagens a partir da captura da imagem e do referencial imagético do aluno.

Os alunos responderam a um questionário, uma pesquisa realizada para se ter noção de quanto do tempo utilizam para brincar. Foi surpreendente a revelação de que alguns não brincam. Talvez em função deste dado, a maioria mostrou-se entusiasmada com a forma como as aulas foram acontecendo. Também é relevante ressaltar que brincar com o seu cachorro revelou-se como uma das atividades mais comentadas durante a execução dessa tarefa. Durante as aulas surgiu o tema e conversou-se também sobre a violência na escola, que muitas vezes surge de uma brincadeira.

Brinquedos foram construídos pelos alunos, de maneira que o conteúdo "Formas bidimensionais e formas tridimensionais" foi assimilado facilmente por todos. Imagens apresentadas pela TV multimídia mostravam aos alunos as diferenças entre figuras bidimensionais e tridimensionais, ilustrando explicações sobre o assunto. Foram realizadas comparações entre objetos da sala de aula exemplificando esse conteúdo. Verificou-se, ainda, que por meio do bidimensional é possível utilizar efeitos de profundidade e perspectiva representando o tridimensional. Vários exemplos foram usados no quadro negro. Embasando-se nas representações de obras que abordam o tema "brincadeiras infantis", nas conversas e no questionário, foi solicitado o registro por meio do desenho das brincadeiras favoritas dos alunos. Ainda realizaram a elaboração de um pequeno projeto confeccionado em casa, ou seja, produzir um brinquedo usando sucata.

Por meio dos resultados descobriu-se que realmente se obteve um envolvimento dos pais nesta tarefa, conseguindo-se assim atingir um objetivo de melhorar a participação da família nas atividades escolares dos filhos. Os alunos também passaram a dominar o conteúdo das formas bidimensionais e tridimensionais, apropriando-se de formas novas de trabalhar, como o baixo, o médio e o alto relevo, compreendendo o que é volume.

Alguns problemas diagnosticados normalmente nesta fase como o fato de desenharem de forma acanhada e pequena, de afirmarem o tempo todo não saber desenhar mostrando-se inseguros para realizar a atividade, a questão dos estereótipos, que é muito presente na produção plástica nesta fase, a dificuldade em utilizar o espaço, foram superados de forma gratificante. Mas, para que isso ocorresse, foi necessário explicar aos alunos a importância de experimentar novas formas de representar o mesmo tema, e novas formas de utilizar o espaço.

De acordo com BUORO:

"O estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não se arriscar, de não se expor. Essa busca de garantia de aprovação resulta em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios." (BUORO, 1996, p.36).

Em seus trabalhos, a professora Dra. Maria Letícia Rauen Viana define estereótipos como "gavetas ou formas prontas", de maneira que a criança passa a recorrer a este recurso cada vez que se vê em dificuldade para expressar-se por meio do desenho. Isso ainda ocorre com frequência, quando surgem aqueles olhinhos arredondados com cílios grandes, nas mais diversas figuras, sendo humanas ou não. Segundo VIANA, "Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva (...). Estereotipar quer dizer, então, simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples." (VIANA, 1995, p.5).

Vive-se cercado de estereótipos o tempo todo, na mídia, na forma de vestirse, na sociedade enfim. Os estereótipos fazem parte do cotidiano, pois estão presentes em várias áreas da vida, porém no ensino apresentam-se como imagens desprovidas de sentido e significado se configurando como imagens recorrentes.

Passou-se, então, à utilização de obras de vários pintores que continham imagens figurativas e bem delineadas, repassando aos alunos a reprodução dessas

reproduções de pinturas por meio de impressão por computador; utilizou-se também reprodução de obras de Salvador Dali para que os alunos percebessem as diversas possibilidades de representação do desenho e da pintura. Eles construíram recortando, colando as pequenas peças, e montando entre grupos quebra-cabeças com os quais se divertiram e observaram as linhas, cores, diversidade, composições entre outros aspectos. Mais tarde trabalhou-se o artista Mondrian, para que percebessem como se pode sair do figurativo para a deformação até chegar à abstração da forma.

Atividades que reforçam essa situação e que possam causar uma "desestereotipização" foram elaboradas e realizadas forçando o aluno a melhorar sua percepção no desenho. Utilizaram-se como recurso as árvores de Mondrian, para que se tomasse conhecimento do quanto se pode trabalhar dentro de um mesmo tema. Então se partiu para comparações de outras árvores de diversos artistas, período da história da arte e estilos. É importante que haja um entendimento de que a representação de um mesmo tema pode ser realizada de inúmeras formas. Realizaram exercícios de desenho de observação com lápis 3b e 6b, desenhando num primeiro momento apenas árvores, e mais tarde dando ênfase apenas aos detalhes como, por exemplo, as folhas. Foi obtida uma exploração e pesquisa de formas, linhas, texturas, contornos, figuração, abstração, volumes, figura e fundo. Posteriormente trabalhou-se com pintura com guache e com colagem.

Na perspectiva de melhorar a liberação da linha no desenho, foram aplicadas aos alunos questões como: O que é saber desenhar? A pintura retrata a realidade? Uma pintura retrata o que se vê ou o que se conhece ou o que se sente em relação ao objeto? Arte é cópia da natureza? A pintura é a realidade? Além do desenho de observação, utilizou-se também o desenho de memória para mostrar aos alunos como muitas vezes é possível ver e "não ver", melhorando assim a percepção e acuidade visual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento presente pode ser definido como uma fase relevante de aperfeiçoamento das ações educativas, pois viabiliza-se o uso das novas tecnologias na educação, possibilitando assim aos professores e alunos uma práxis

dinâmica e coerente com a contemporaneidade. Aliando ao currículo capacitação e planejamento de forma integrada é possível enriquecer a prática pedagógica.

Para que essa realidade se instale na prática docente, é fundamental a participação do elemento mais relevante de todo o processo, o educando. O professor aperfeiçoa-se por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná (PDE), que vem acrescendo possibilidades de pesquisa, leitura, estudos, troca de experiências, orientação adequada, apoio, aprofundamento e aporte teórico e prático para dominar as novas formas de trabalhar com a TV multimídia, o computador e com a realidade condizente de hoje. Mais do que isso, a postura do professor está sendo trabalhada e sua motivação resgatada.

A dimensão do emprego dos jogos e das brincadeiras foi ampliada, utilizandose diversos sites, elaborando programas com os alunos, ora jogando ou realizando visita virtual aos museus disponíveis pela internet, para que os educandos percebam e valorizem as diferentes formas de construir conhecimento na contemporaneidade.

O que se pôde constatar foi um ganho por parte tanto dos alunos como da professora, pois os educandos se mostraram mais receptivos, e em relação à professora a recíproca é verdadeira. Ocorreu uma melhora significativa no nível das aulas, os conteúdos passaram a ser menos superficiais, e desde o momento em que alunos começaram a participar de forma ativa, possibilitando um trabalho mais completo, a professora passou a fazer uso de outras abordagens.

Outro avanço significativo por parte dos alunos, que antes descreviam a aula de arte como "aula de desenho" ou consideravam Arte apenas como "aula fácil", a "aula do visto no caderno", foi a nova forma de ver a disciplina de Arte, atribuindo sentido e significado aos conteúdos tratados. Essa reformulação da maneira de olhar para a disciplina Arte foi fundamental para que houvesse uma apropriação de conteúdos, que muitas vezes se encontravam banalizados pela dificuldade encontrada pela própria professora.

Observou-se que ficaram menos entediados, mais atentos, passando a colaborar com professora e colegas nas etapas da aula. Hoje, existem conversas, existe barulho, existe riso, o que caracteriza vida e trabalho, mas a aula tornou-se um momento melhor porque parece que se conquistaram uma harmonia e o sentido de pertença.

Pode-se dizer que os resultados obtidos foram os mais variados, desde fatores de indisciplina como de aprendizagem foram melhorados. Os limites foram revistos, os educandos adquiriram confiança em si mesmos, melhorando tanto seu potencial como sua autoestima. Ocorreram avanços na percepção visual, ampliando o referencial imagético e permitindo ao professor a constatação de resíduo mnemônico, indicando posse de conhecimento. Atingiu-se também um excelente resultado nas formas de expressão plástica produzidas pelos alunos.

Talvez, como consequência de todo o processo em que alunos e professores estiveram constantemente envolvidos, trabalhando em conjunto, a relação interpessoal foi alargada. Este benefício se estendeu também em relação aos pais e filhos com a escola, no comprometimento com algumas tarefas realizadas em casa.

As estratégias lúdicas foram utilizadas como forma de apresentação de determinados conteúdos, como atividades de fixação e até de verificação de aprendizagem. A maioria dos alunos participou envolvendo-se de maneira tão completa que não sobrou tempo para indisciplina, e isso foi muito gratificante. O trabalho foi acompanhado pela equipe pedagógica e pela direção do colégio em todas as etapas, enriquecendo o processo como um todo.

A aceitação foi tão intensa que funcionou como um antídoto ao bloqueio instaurado em alguns alunos que não se mostravam participativos. Mudou-se, assim, o cenário de sala de aula, sendo possível observar atitudes muito positivas que podem contribuir para uma aprendizagem significativa. Pretende-se dar continuidade a essa experiência adaptando-a sempre às diversidades encontradas.

Os resultados foram positivos, pois constatou-se expressivo aumento no aproveitamento das aulas, demonstrando assim que uma proposta diferenciada de estratégia do trabalho docente pode resultar em melhoria significativa na qualidade de ensino. Mas é importante destacar aqui que não se pode acomodar em uma única perspectiva, pois a reflexão é imprescindível sempre, para que não se assumam atitudes rotineiras no enfrentamento dos problemas do âmbito escolar. É preciso atenção sempre ao universo de possibilidades que podem ser construídas ou transformadas dentro da sala de aula e em cada situação de ensino aprendizagem em Artes Visuais. Para o professor PDE ficam novos desafios na instabilidade da vida na escola contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Milla. **Criatividade, criação:** um viés sublimatório. Disponível em http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100005&lng=pt&nrm=iso> acesso em 22 ago 2008.

BARBOSA, Ana Mae. (org). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. (org) **Estudos culturais em educação:** mídia arquitetura brinquedo biologia literatura cinema. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

DRÜGG, Kátia Issa & ORTIZ, Dayse Domene. **O Desafio da educação:** qualidade total. São Paulo: Makron Books, 1994.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993

. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Traduzido por: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HOLZMANN, Maria Eneida. **Jogar é preciso:** jogos espontâneos-criativos para famílias e grupos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: USP-Perspectiva, 1971.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte:** sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação**. Tradução de José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70.

JUNIOR, Aldo Silva. **Jogos para terapia, treinamento e educação.** Curitiba: PUC, 1982.

KLEIN, Melanie; HERMANN, P; R.E. Money - Kyle (Org). **Novas tendências na psicanálise.** 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1955.

Psicanálise da criança . São Paulo: Mestre jou, 198	81
------------------------------------------------------------	----

A Psicanálise de crianças. (1932). V.2. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.
(Org) O Brincar e suas teorias . São Paulo: Pioneira Educação, 1998.
(Org) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 8ª ed. São Paulo Cortez, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste & PCOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio prefeitura : Instituto Sangari, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste. **Mediação: Provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, V. 1, n.1, outubro 2005.

MEIRA, Ana Marta. Palavras Mágicas: As crianças de hoje. **Revista da APPOA.** n.13, Porto Alegre, POA, 1997.

_____. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. **Revista Psicologia e Sociedade**. UFRGS. v.15, p. 74-87, set. 2003.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. Rio de Janeiro : Campus, 1990.

PINTO, Inami Custódio. **Folclore no Paraná**. Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

s.a. **Torres Garcia – Aladdin brinquedos:** Transformáveis e Universalismo Construtivo. Disponível em

http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/torres_garcia.htm acesso em 17/08/2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes curriculares de arte para a Educação Básica.** Departamento de Educação Básica. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Superintendência da educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Programa de desenvolvimento educacional. **Orientações sobre o projeto de intervenção pedagógica na escola – 2008.** Curitiba: SEED-PR, 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VARGAS, Isabel C. S. **Bullying! O que significa?** Brasil Escola. Disponível em: http://www.meuartigo.brasilescola.com/sociologia/bullying-que-significa.htm Acesso em novembro/2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1994.

VAZQUEZ, Adolfo Sanches. *As Idéias Estéticas de Marx*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? *Revista ADVIR*, no. 5, abril de 1995 Disponível em:http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=38 Acesso em novembro. 2009.

ZAGURY, Tânia. O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ZAMBONI, Sílvio. A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.